

UM TERÇO M 65 ANOS

Como resolver o maior drama para o futuro do país e da Região? Em 2080 apenas 155,7 mil residirão no arquipélago, menos 35,4%

ESTIMATIVA E PROJECCÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE NA RAM (2015-2080)

CENÁRIOS DE PROJECCÃO
BAIXO
CENTRAL
ALTO
SEM MIGRAÇÕES



POPULAÇÃO Total	
2015	2080
256.424	93.300
233.698	165.682
	156.315

ÍNDICES Envelhecimento	
2015	2080
105	754
	307
	244
	402

0-14 anos	
2015	2080
37.896	6.248
	19.345
	31.282
	16.139

Sustentabilidade potencial	
2015	2080
448	85
	146
	165
	116

15 e 64 anos	
2015	2080
178.627	39.965
	86.899
	126.063
	75.373

Sintético de fecundidade	
2015	2080
1,1	1,29
	1,51
	1,71
	1,51

ESPERANÇA DE VIDA À NASCENÇA (ANOS)			
2013-2015		2080	
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
73,65	81,19	85,24	90,91
		85,24	90,91
		86,7	92,06
		85,24	90,91

anos para 92,10 anos”.

Ou seja, também aqui, apesar da melhoria, a Região ficará atrás da esperança de vida à nascença de Portugal, embora com uma aproximação. Enquanto os homens madeirenses terão mais 11,59 anos de esperança de vida e as mulheres mais 9,72 anos, na média nacional os homens poderão viver mais 10,02 anos e as mulheres mais 8,8 anos.

Ultrapassados pelos Açores

Em 2080 a Região Autónoma da Madeira poderá ser a região menos populosa do país, uma vez que a projecção dá para os Açores qualquer coisa como 245,8 mil pessoas.

Em 2061, a população da Madeira atingirá o pico do envelhecimento, numa curva temporal e comparativa com as outras regiões do país que, em 2080, deverá colocar a Região no meio da tabela das mais envelhecidas, liderada pelo Norte (398

idosos por cada 100 jovens, superando o Alentejo), com o Algarve a superar os Açores como a mais jovem, com 259 idosos por 100 jovens.

Refira-se que a anterior projecção (2012-2060) mostrava que a população residente em Portugal tenderia a diminuir de 10,5 milhões de pessoas, em 2012, para 8,6 milhões de pessoas, em 2060. Na anterior análise, a evolução da população na RAM passaria das 263,1 mil pessoas para 219,4 mil pessoas, em 2060. “Ou seja, nos próximos 48 anos, a população da RAM deverá ser reduzida em 16,6%, significando uma perda de 43,7 mil pessoas”, anunciava já um cenário negro. A actual será, no mínimo, catastrófica para a sustentabilidade regional.

Se continuar a migração actual da população, se as famílias futuras não tiverem mais filhos do que as actuais gerações e se o envelheci-

mento da população continuar nos níveis previstos, o índice de sustentabilidade potencial (o quociente entre o número de pessoas com idades compreendidas entre 15 e 64 anos e o número de pessoas com 65 e mais anos) poderá passar dos actuais 448 pessoas em idade activa (15 e 64 anos) por 100 com 65 e mais anos, para no pior cenário (baixo) chegar aos 85 por 100 e no melhor cenário (alto) aos 165 por 100.

Em conclusão, no cenário realista (central) vão ser 146 pessoas em idade activa por cada 100 idosos. Em Portugal a média passa de 315 em 2015 para 137 em 2080, num cenário ainda pior. Sem as migrações, o índice de sustentabilidade nacional seria de 125 e a da Região 116, invertendo a perspectiva. Ou seja, o fluxo migratório (saídas e entradas), como tem sido desde a descoberta e povoação, exercerá papel crucial no futuro da Madeira.

BAIXO NÍVEL DE FECUNDIDADE

No mais recente estudo sobre a temática, realizado em 2013 pelo INE/DREM e divulgado em 2014, intitulado ‘Inquérito à Fecundidade’, conclui-se que em média, “as mulheres em idade fértil têm 1,13 filhos, mas desejariam ter 2,13 filhos”. De acordo com os resultados para a Região Autónoma da Madeira, as mulheres dos 18 aos 49 anos têm uma baixa média de fecundidade realizada, mas aqueles filhos que pensam ter é ainda mais baixo (fecundidade intencional), sendo que o número médio de filhos que as pessoas têm e que ainda pensam vir a ter é um pouco superior (fecundidade final esperada).

“No entanto, o número de filhos desejados ao longo da vida por este grupo de mulheres (fecundidade desejada) é de 2,13 filhos, apesar de considerarem que o número ideal de

filhos numa família é superior, em média, deveria ser 2,50 filhos”, aponta, como que revelando, de facto, que as pessoas só não têm mais filhos porque acreditam que não podem.

Na RAM, a recolha de informação foi efectuada pela Direcção Regional de Estatística, junto de 960 alojamentos, resultando num total de 846 entrevistas conseguidas. Assim, “as mulheres dos 18 aos 49 anos têm em média 1,13 filhos (1,08 filhos, no País), sendo que destas 36,4% não possuem qualquer filho biológico (nascido com vida), 27% apenas 1 filho, 26,7% 2 filhos e 9,9% têm 3 ou mais filhos” e que “cerca de 45% das mulheres esperam vir a ter no futuro 2 filhos, 30% um filho e 15% três ou mais filhos”. No entanto, “a maioria das mulheres (62,9%) não tenciona vir a ter qualquer filho no futuro”.

ANÁLISE

Cenário dramático mas que não surpreende

“A tendência de decréscimo populacional na RAM, que segundo as projecções agora divulgadas apontam para a perda de mais de 1/3 da população até 2080, vem apenas reiterar as perspectivas existentes, que alertavam para a consolidação de uma situação de “forte stress demográfico” entre nós (no país e na região). Talvez valha a pena não esquecer que temos vindo a lidar nos últimos - consecutivamente - com saldos naturais negativos, ou seja, com um número de óbitos superior ao número de nados vivos, que associados a outras dinâmicas, como por exemplo, a erosão da

população activa na faixa etária sub-35 anos (que encolheu mais de 20% nos últimos anos!), permitem a instalação deste quadro demográfico. Se o número de nascimentos é insuficiente para compensar o número de óbitos e, simultaneamente, temos ainda por cima perdas significativas de activos jovens (em idade reprodutiva fértil e economicamente produtiva), então, não podemos ficar surpreendidos com estas projecções. Trata-se de um cenário dramático, sem qualquer dúvida, mas muito longe de ser surpreendente.”
Ricardo Fabrício - Sociólogo

